

Ariane Vasques

***LABORO E PECUÁRIA CAPRINA NO SERTÃO
DE PERNAMBUCO***

***LABORO AND STOCKBREEDING OF GOATS
IN SERTÃO DE PERNAMBUCO***

RESUMO

Considerando a relevância da caprinocultura no semiárido nordestino e os ainda poucos escritos sobre o assunto, o objetivo deste artigo é descrever etnograficamente um modo de criação de caprinos, chamado pelas pessoas que conheci em campo de criação *na solta*. Pretende-se demonstrar as peculiaridades desse modo de criação de cabras e bodes no sertão de Pernambuco e analisar, por meio de divergências e contrastes com um “modo de produção extensivo”, as relações que são tecidas entre humanos e animais naquele criatório. Dessa maneira, busca-se uma reflexão inicial a respeito da atividade pecuária, da criação *na solta* e do *laboro* em oposição a uma noção de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Pecuária; Caprinos; Sertão de Pernambuco; Trabalho; Relação humano-animal.

ABSTRACT

Considering the relevance of goat breeding in the northeastern semi-arid region of Brazil and the still few writings on the subject, the purpose of this article is to ethnographically describe a way of raising goats, called by the people I met in the field research of “criação *na solta*”. It is intended to demonstrate the peculiarities of this way of raising goats in the “sertão de Pernambuco” and to analyze, through divergences and contrasts with an “extensive mode of production”, the relationships that are woven between humans and animals in that breeding ground. In this way, it is sought to reflect on the cattle activity, the “criação *na solta*” and the “*laboro*” as opposed to a notion of work.

KEYWORDS: Stockbreeding; Goats; Sertão de Pernambuco; Work; Relations human-animals.

A pecuária caprina pode remontar a meados do século XVI com a chegada dos primeiros animais de criação na região Nordeste do país vindos das Ilhas de Cabo Verde e de Portugal. Não obstante os caprinos se encontrarem aqui desde aproximadamente a década de 1540, foi apenas em meados do século XVIII que a caprinocultura tomou fôlego e somente nas últimas décadas do século XIX que foi possível averiguar o crescente do rebanho:

a chegada dos animais de fazenda no Brasil se inicia em 1534 em São Vicente (SP), seguido de introduções em Recife (PE) e em Salvador (BA). As origens são Portugal, Ilhas de Cabo Verde e, no século XVIII, Espanha por intermédio de suas colônias sul-americanas. Estimamos o número de caprinos introduzidos no Brasil entre os séculos XVI e XVIII, com uma concentração entre 1534 e 1557, em algumas centenas de cabeças. A partir do século XIX, as raças modernas começam a chegar. (MACHADO, 2011a, p. 63)

Segundo Machado (2011a; 2013), o desenvolvimento da caprinocultura brasileira (ou mais especificamente a caprinocultura nordestina, região do país que sempre concentrou o maior número de animais) pode ser melhor compreendido caso se acompanhe os “interesses políticos na ocupação do território” e os chamados “ciclos econômicos”, sem nunca olvidar que “os pequenos ruminantes estiveram à margem da pecuária bovina desde o início da colonização e, durante o ‘ciclo do ouro e das pedras preciosas’, à [margem] do comércio de mueres, asininos e equinos.” (MACHADO, 2013, p. 11)¹. Segundo argumenta a autora (MACHADO, 1996, 2011a, 2011b, 2013) – que recolhe um substantivo número de documentos, índices estatísticos, registros históricos bibliográficos, fontes iconográficas, relatos de viajantes da época colonial a respeito da chegada e permanência dos caprinos no país – foi a partir do século XVIII com o chamado “ciclo do algodão” na região semiárida e com adensamento da ocupação do território, concomitante à fixação das famílias em fazendas, que teve início uma criação mais sistemática de caprinos.

Acompanhando os caminhos do boi, pode-se notar que foi em consonância com a bovinocultura (guardadas as devidas proporções, claro) que cabras e bodes foram ganhando espaço nas atividades pecuárias². No início do século XIX as importações de caprinos ainda eram esporádicas, “em 1816, [apenas] duas cabras Cashmere desembarcaram no Rio de Janeiro em procedência da Índia (LOCCOCK, 1820). [E na segunda metade do século], juntamente com a importação de zebuínos, foram introduzidos caprinos da

¹ A pesquisa acurada, o interesse nos registros historiográficos, a busca minuciosa de documentos que comprovem quais raças caprinas, de que países são originárias e quantos animais chegaram no país, para que estados foram levados, desde a época colonial até o final do século XX, se deve ao não tão recente interesse (desde ao menos a década de 1990) demonstrado por pesquisadores universitários e empresas públicas e privadas em aprimorar as técnicas e os conhecimentos acerca do melhoramento genético de caprinos, não apenas com fins de aumentar a produtividade dos rebanhos, mas para que se preserve raças que se constituíram “nativas” ou “naturalizadas” brasileiras e algumas especificamente nordestinas. Não caberá no escopo deste artigo desenvolver a análise referente a essa empreitada ou aquela sobre as diversas raças caprinas e sua importância para a caprinocultura. Noto apenas que o motor das pesquisas históricas é, em grande parte, de fundo zootécnico e genético.

² Sobre ocupação e fixação nos sertões pelos “caminhos de boi” (cf. ABREU, 1975 e 1976; ALBUQUERQUE, 1989; ANDRADE, 1964; ANTONIL, 1982; CASCUDO, 1968; PRADO JR., 2000).

raça Angorá e ‘indianos’ no Brasil.” (MACHADO, 2013, p. 23). A importação de caprinos de raça, as pesquisas que atestassem a procedência e origem desses animais, no início do século XX e ainda hoje, tinham como interesse central o melhoramento genético dos rebanhos para aumento de produtividade:

somente a partir do início do século XX tiveram lugar as importações sistemáticas de caprinos para melhoramento genético. Caprinos indianos foram introduzidos no Brasil com o advento das importações zebuínas entre 1904 e 1920 e em 1962. As raças modernas se tornaram objeto de importações regulares a partir do início do século XX. Algumas delas também foram introduzidas na forma de sêmen e embriões criopreservados. (MACHADO, 2011, p. 34)³.

Diante deste cenário histórico que apresenta o rebanho caprino frente a uma suposta necessidade de modificação do criatório por meio de sua melhoria genética, compatível a uma lógica mercadológica e tecnológica, seria oportuno perguntar como, afinal, os caprinos eram entendidos naquela época e como essa perspectiva poderia ter perdurado até os dias de hoje nos contínuos incentivos às pesquisas na área da caprinocultura. Embora a questão seja relevante, não caberia aqui a tentativa de encontrar uma resposta a ela e ao conjunto de outras questões que ela poderia revelar. Esse contexto, no entanto, dá ensejo para outro problema que este artigo, por meio de dados etnográficos, busca descrever: como as cabras e bodes são entendidos em uma região do sertão pernambucano? De que maneira a pecuária, enquanto uma atividade relativa ao sustento ou manutenção das existências sertanejas na zona rural de um município, é compreendida pelos criadores? Qual é a compreensão dos próprios criadores a respeito das relações que mantêm com seus rebanhos que libera uma noção nativa (a de *laboro*) e que permite que se pense a respeito de uma noção de trabalho? A partir desse mesmo entendimento da pecuária caprina enquanto um *laboro* com os animais, qual seria, então, o “trabalho” ou o *laboro* da *criação*?⁴

Apesar das pesquisas e incentivos que visam a melhoria dos rebanhos, a pecuária caprina no Nordeste desde o período colonial até os dias de hoje é realizada de um modo comumente chamado (por especialistas da área de zootecnia, veterinária, agropecuária ou por empresas que buscam fomentar a caprinocultura) de “modo de produção extensivo”, no qual os animais eram e ainda são criados soltos nas caatingas.

Partindo da relevância da caprinocultura no semiárido nordestino, o objetivo deste artigo é descrever etnograficamente um modo de criação de caprinos aparentemente similar ao “modo de produção extensivo” – visto que também é praticado sem a necessidade de cercas ou qualquer controle

³ Sobre a importação e exportação do gado zebuino e a constituição de um mercado de elite (cf. LEAL, 2014; 2016a; 2016b.)

⁴ Os termos em itálico são termos nativos e as aspas duplas são utilizadas para reprodução de falas ou expressões, assim como citações de outros autores, essas últimas são seguidas por suas referências. De um modo geral, no sertão nordestino, o gado caprino e ovino é chamado de *criação* ou *miunça*, assim como o gado bovino é chamado de *gado* e o equino e o muar é chamado de *animal*. Em relação aos termos *criação*, *cabra* e *bode*, eles são empregados por mim indistintamente para fazer referência aos caprinos, exceto para situações em que se faz relevante a diferença entre fêmea/macho.

reprodutivo, alimentar e sanitário do rebanho –, mas que é chamado pelas pessoas que conheci em campo de criação *na solta*. Pretende-se demonstrar as peculiaridades desse modo de criação de cabras e bodes no sertão de Pernambuco e analisar, por meio de divergências e contrastes com o “modo de produção extensivo”, as relações que são tecidas entre humanos e animais nesse criatório. Dessa maneira, busca-se refletir sobre a criação *na solta* e uma certa noção de trabalho, em oposição à noção sertaneja de *laboro*⁵.

O Modo de Produção Extensivo

A partir do contraste analítico entre duas concepções referentes a práticas de criatório caprino – uma concepção de modo de produção e outra de modo de criação –, pretende-se descrever as relações entre humanos e animais em Floresta, município onde realizei minha pesquisa de campo nos primeiros meses do ano de 2013⁶. A descrição de um “modo de produção extensivo” serve de apoio ou, antes, de contraste para a descrição do modo de criação *na solta*, quer dizer, o modo como as famílias que conheci entendem e praticam a criação de cabras e bodes. Esse recurso analítico tem o intuito de colocar em paralelo diferentes maneiras de se pensar a pecuária sertaneja para em seguida ressaltar a perspectiva de meus interlocutores de pesquisa.

O modo de produção extensivo, genericamente, é entendido como uma forma de criatório na qual os animais andam livres por grandes espaços de terra, são responsáveis pela própria alimentação e há pouco investimento por parte dos produtores. O modo de produção extensivo se diferencia da criação *na solta* porque pode pretender, em última instância, uma transformação nos procedimentos e técnicas envolvidos no criatório. Dentre essas modificações estão o melhoramento genético dos animais, construção de instalações sanitárias apropriadas que evitem a proliferação de doenças, nutrição balanceada proporcionada pela inserção de ração industrializada, fomento da cadeia produtiva, vínculo a cooperativas, participação de programas do governo que incentivem o criatório, modernização dos meios de produção, estabelecimento e fortalecimento de conexões comerciais que visem o aumento do lucro. Nota-se que no modo de produção extensivo há uma tentativa de gestão do território, das pessoas e dos animais que teria por finalidade um controle mais rígido ou esquadrihado do criatório, bus-

⁵ A análise das categorias de “modo de produção” e “modo de criação” foi elaborada por mim anteriormente (VASQUES, 2016). Vale ressaltar que ambas as categorias foram pensadas a partir de dados, bibliográficos para a primeira, etnográficos para a segunda. Esses dois eixos funcionam como classes precárias numa taxonomia variante quando encarada nos modos de vida cotidiano. Seu valor, ao menos inicialmente, será analítico. Da oposição aparente entre “modo de produção” e “modo de criação” pretendo retirar efeitos descritivos que possam distinguir modos de convivência entre caprinos e humanos no sertão de Pernambuco.

⁶ O município de Floresta está localizado a aproximadamente 432 km de Recife, na microrregião do Sertão de Itaparica e mesorregião do São Francisco Pernambucano. Insere-se nos domínios geográficos da macrobacia do rio São Francisco e na bacia hidrográfica do Rio Pajeú. Há em Floresta cerca de 32.152 habitantes. A pesquisa de campo realizada durante o mestrado transcorreu entre os meses de fevereiro a maio de 2013 na zona rural do município.

cando, ao fim e ao cabo, uma transformação da produção extensiva em um “sistema intensivo” ou “semi-intensivo” de criação.

O modo de produção extensivo é uma atividade pecuária que demanda grandes espaços de terra, posto que os animais são criados soltos, sem maiores cuidados. A alimentação é limitada ao pasto nativo e, conseqüentemente, dispensa a introdução de rações industrializadas. Uma vez que exige baixos investimentos financeiros e tecnológicos, não faz do manejo reprodutivo dos animais ou sanitário das instalações e abrigos uma preocupação central para os produtores. O mercado vinculado a esse modo de produção é, geralmente, restrito às mediações da região onde os animais são criados, vendidos em feiras ou nas ruas da cidade.

Essa concepção de produção extensiva é corrente entre profissionais da área de zootecnia, veterinária e agropecuária. É também acionada por empresas e instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) que incentivam, por meio de cursos de capacitação e manuais de instrução que visam modificar os métodos, técnicas e procedimentos de criação, a transformação desse modo em um modo de produção intensivo. Conforme um manual publicado pela Embrapa, que compila técnicas e saberes que incidem sobre a prática da caprinocultura, o objetivo dessa intervenção é tornar a atividade mais produtiva e, conseqüentemente, apta a competir em um cenário nacional. (MEDEIROS et. al., 2000).

De um modo geral, em manuais dessa natureza, são expostos e sugeridos técnicas e procedimentos de manejo com o rebanho caprino (GUILMARÃES, 2009; OLIVEIRA et. al. 2011; MEDEIROS et. al., 2000). Os elementos considerados no plano de manejo são a nutrição, a saúde do rebanho e as instalações da propriedade; os procedimentos envolvidos são a castração, o plano nutricional para fêmeas prenhes, a utilização de plantas forrageiras, a assistência ao parto, a implementação de sistemas intensivos de criação, o controle sanitário, a seleção ou cruzamentos para melhoramento genético e as recomendações técnicas para o abate. A eficiência do manejo destina-se ao chamado “melhor desempenho do rebanho”, ao “aumento da produtividade” e, por conseguinte, a “busca por uma maior taxa de lucro” (MEDEIROS et. al., 2000, p. 68). Mais que apontar os fatores que devem ser considerados no manejo, os manuais dizem exatamente quais são os procedimentos, as épocas propícias, as plantas e as áreas que melhor se adaptam à forragem do pasto, que alimentos e suplementos os caprinos devem ingerir em determinada hora do dia, informa os critérios de seleção de caprinos para reprodução, elenca as principais doenças a serem evitadas e os remédios que deveriam ser utilizados. Por outras palavras, os manuais buscam indicar quais tecnologias deveriam ser empregadas pelos pequenos produtores para que se obtenha êxito na administração da caprinocultura e, por conseguinte, estabelecem normas de gestão de um território, das pessoas e dos animais. O discurso empregado por essas instituições pode incidir na prática da caprinocultura como uma forma de mobilização de saberes e técnicas que vi-

sem à gestão das pessoas, do território e dos animais por meio de disputas semânticas e de uma política indissociável da técnica. O objetivo seria, nesse caso, administrar os costumes, as práticas e os comportamentos dos pequenos produtores com a finalidade de atingir certas metas mercadológicas. A principal preocupação seria inserir a caprinocultura em uma ampla cadeia produtiva e estabelecer e fortalecer conexões comerciais que visassem o aumento do lucro a partir da transformação dos procedimentos e tecnologias empregados no criatório. O modo extensivo tem em seu devir, a partir de modernizações tecnológicas e da administração cuidadosa da atividade produtiva, transformar-se no modo de produção denominado “intensivo” ou “semi-intensivo”.

Modo de Criação *na solta*

A criação *na solta*, assim como o modo de produção extensivo, é caracterizada pela criação dos animais soltos em grandes espaços de terra e eles são responsáveis por sua própria alimentação. Não obstante essa semelhança, a criação *na solta* revela um outro modo de relação entre criadores e animais que está além (ou aquém) das relações valorizadas pela produção extensiva, caracterizadas por uma perspectiva mercadológica e monetária. A criação *na solta* não ignora que cabras e bodes são bens alienáveis que podem ser trocados, consumidos ou vendidos, auferindo, assim, certa renda ao criador, mas ela ilumina outras conexões entre humanos e animais (que são da ordem dos afetos e das afecções entre caatinga, *criação* e humanos), que possibilitam a compreensão de outras relações tramadas, aquelas ligadas ao parentesco, à produção de um conhecimento referente à caatinga e à *criação*.

O modo de criação *na solta* é o modo de produção extensivo visto de dentro. No lugar da gestão, o cuidado; no lugar da produção que visa relações de troca ou venda, a criação, que implica considerar de que modo a *criação* é domesticada, acompanhada, quais são os investimentos do criador sobre as relações que são estabelecidas com ela, o cuidado que eles têm em fazê-la crescer forte e resistente. A criação *na solta* parte de outra concepção de ligação com a terra, opera a partir de outros objetivos, métodos e técnicas. Menos preocupados com os aspectos relacionados à produtividade e inserção da produção num mercado amplo, os criadores adeptos da criação *na solta*, produzem um conhecimento referente à caatinga e aos animais, conservado apenas por aqueles que laboram com a *criação* diariamente. Ela resulta, em primeiro lugar, de uma outra pedagogia, refratária que é aos manuais. De seu ensino adquire-se uma técnica, não uma tecnologia⁷.

⁷ A distinção entre técnica e tecnologia, desta perspectiva, diz respeito mais a uma ferramenta analítica de comparação e distinção de práticas e modos de criatórios, que a uma distinção conceitual de cada um dos termos. Nesse caso, os termos técnica e tecnologia não implicam um juízo de valor que definiria as práticas como “tradicionais” de um lado ou “modernas” de outro. Trata-se, antes, de ressaltar as sutis divergências entre modos de fazer o criatório de caprinos naquela região. Assim, as categorias de técnica e tecnologia são tomadas como operadores analíticos que possibilitam a compreensão das diferentes práticas de criatório, sem o intuito de valorar qualquer uma delas (cf. SAUTCHUK, 2010).

Da convivência com os animais aparece uma afinidade interespecífica, não uma mercadoria. As afinidades, as simpatias interespecíficas se expressam, desde há muitas gerações, por meio de um sistema de marcação para identificação dos proprietários dos animais e sua família. Os *sinais*, recortes feitos a faca nas orelhas da *criação*, as familiarizam ou, quando não, as inserem num sistema de transmissão do patrimônio⁸. Humanos transformam suas *criações* em patrimônio familiar, quer dizer, o que só pode circular pelas vias do sangue, uma substância inalienável.

A criação *na solta* possibilita, assim, a fabricação de um nexo (cf. VANDER VELDEN, 2015) existente entre humanos e *criação*. Especificamente, os criadores e a *criação* daquela região conhecem cada planta que serve de alimento para os animais, onde são encontradas e em que época as cabras gostam de se alimentar delas; os *sinais* nas orelhas da *criação* permitem que os criadores reconheçam os rebanhos uns dos outros, identificando quem são os vizinhos, parentes e não parentes.

O modo de criação *na solta*, que pode ser aproximado ao modo como eram criados as cabras e bodes por vaqueiros no período de fixação nas terras do sertão⁹ é, de certo modo, mantido em seus procedimentos e técnicas até os dias de hoje, reivindicado como aprendizado que é transmitido de pais para filhos e de avós para seus netos, um conhecimento que só pode ser apreendido na prática cotidiana, no *laboro* com a *criação*.

Criação *na solta*, *laboro* e *saber criar*

Nas *ribeiras* onde fiz minha pesquisa de campo, *saber criar* implica uma relação direta com o *laboro*, que são as práticas, técnicas e procedimentos envolvidos na criação de cabras e bodes *na solta*. Então, para que se possa laborar com a *criação* é preciso *saber criar*, quer dizer, é necessário ter um conhecimento específico adquirido a partir de um modo de existência que é ligado à *criação*, à vida na caatinga, à vida no *mato*. Um conhecimento certamente assimilado por meio da experiência diária, mas, sobretudo, que é aprendido com o pai, com o avô, que são os que “sabem criar como antigamente”; que sabem “criar do jeito da gente”.

Essas são expressões recorrentes entre os criadores que conheci em campo. Eles reivindicam para si um conhecimento de técnicas de criação

⁸ Em regiões áridas, típicas também em outros estados da região Nordeste do país, é comum que se criem os animais soltos e que marquem suas orelhas com sinais. A utilização deste sistema de marcação de propriedade foi registrado graficamente por historiadores regionais como Barroso (1962, p. 159) e Castro (1984, p. 101), ambos para o estado do Ceará; Medrado (2012, p. 97) para a Bahia. Outros autores, antropólogos, também tratam de marcações nos animais como indicativo de pertencas. (cf. HUMPHREY, 1974; FIJN, 2011; LEAL, 2014; SANTOS, 2014; PEREIRA, 2015).

⁹ Medrado (2012) analisa as relações de trabalho e dominação estabelecidas entre vaqueiros e fazendeiros no período de 1880 e 1900 em uma região tradicional de pecuária do nordeste baiano. A autora salienta a importância da figura do vaqueiro e, sobretudo, os valores morais como “a fidelidade, a honra da palavra, a coragem, a dignidade e a confiabilidade” (p. 91) nos quais era baseada essa relação e que, por sua vez, possibilitava a criação na solta: “o sentido de respeito à propriedade alheia, altamente desenvolvido entre os criadores e vaqueiros, é uma nota de caráter daquela gente, explicando-se assim como podem animais de diferentes donos viver a vida livre das terras abertas, sem controle, apenas de longe em longe visitados pelo vaqueiro.” (MACEDO, 1952 apud MEDRADO, 2012, p. 95).

que só os que vivem *no mato* e aprenderam a laborar com a *criação* desde a infância podem conhecer, há um “domínio pragmático das técnicas” (cf. ALMEIDA, 2013). Essa afirmação é decorrente da prática cotidiana que exercem com os animais, como referi, mas também como parte de um processo mnemônico imprescindível para a permanência dessas técnicas. Desse modo, a prática e a memória caminham juntas no *laboro*.

São considerados aspectos constituintes do *saber criar* o reconhecimento de cada animal, a região onde eles habitam e de quais espécies vegetais os próprios animais escolhem se alimentar. Cada criador, residente em sua *ribeira* é *acostumado*, quer dizer, conhece por hábito, por tempo de convívio o que é da preferência da *criação* e, assim, pode melhor cuidá-la. Conhecer que plantas da região são as selecionadas para dar à *criação* e em que época ela está pronta para servir de alimento aos animais, é algo apreendido a partir da observação e da convivência diária com a *criação* e com a caatinga. É no juízo de preferência dos bodes que os criadores se baseiam. Conhecimento de fonte empírica, baseada na classificação feita pelo animal. A cabra e o bode selecionam eles mesmos os *pés de pau* que são de sua preferência e é durante o *laboro* que o criador pode acompanhá-los e conhecer que *ramas* são escolhidas por eles.

Além do conhecimento referente à vegetação nativa da caatinga que é conservado pelos criadores, *saber criar* remete a uma noção de cuidado. Saber que cuidados devem ser despendidos com a *criação* durante o *laboro* é uma questão de costume, de *saber criar*. Conhecimento e aprendizado estão ligados a uma percepção do que o bode precisa, e isso só quem está acostumado consegue ver e, quem sabe, prever. Conhecimento, então, que é produzido todos os dias com o *laboro* e, ao mesmo tempo, passado de geração para geração.

O *laboro* com a *criação* abrange, portanto, além dos cuidados diretos com os animais, um conjunto de saberes e práticas ligados a todos os aspectos da vida no *mato*. Conhecimento simultaneamente etológico, concernente aos hábitos e comportamentos das cabras, gerencial, atinente à organização do espaço propício para a segurança dos animais, e médico, capaz de diagnose de cura. O conhecimento a respeito do modo de criação, os detalhes de como se criam cabras e bodes *na solta* na caatinga, são relevantes devido ao modo específico de criação, que remete tanto a um processo de co-produção de uma existência entre animais, humanos e caatinga, quanto a uma tradição desse modo de criação.

Criar *na solta* envolve, ao mesmo tempo em que o produz, um conhecimento do *mato*, dos caminhos, das árvores, dos *serrotes*, de cada tipo de *pé de pau*, dos feixes de *veredas* riscados no chão pelos percursos da *criação*. Envolve também técnicas e saberes de criação, como vimos acima, bem diferentes dos empregados no modo de produção extensivo. Enquanto nesse modo de produção – que tem em seu horizonte sua transformação para o modo de produção intensivo – os animais são submetidos a uma gestão minuciosa de seus corpos, que busca determinar onde devem ficar,

por quanto tempo devem permanecer presos nos cercados, qual é o período propício para a monta, qual a proporção de um macho reprodutor para um número de fêmeas matrizes, que remédios devem ser ministrados no caso de cada doença e em quais proporções, quantos quilos devem engordar os animais e qual a ração deve ser servida a eles; na criação *na solta*, o criador respeita a *vontade* da criação que caminha livre pelas *caatingas* e volta todos os dias para o chiqueiro na casa de seu criador, cuidador:

Luís: O bode é malino, como a gente diz, né? O bode é pra ser criado rústico mesmo, do jeito que veio ao ambiente. De manhã ele sai... por exemplo, ali no nosso ambiente, por ali você viu, eles dormem naquele serrote, perto do bebedouro, né? O bebedouro é largo, então eles dormem, acham bom ficarem ali amalocados da tardinha pra noite, mas pela madrugada, quando começa ali pelas três horas ou quatro horas da manhã eles começam a se mexer. E a tendência deles é andar o quanto puder! Tem criação que você vê no dormidouro, no beco, quando é três horas da tarde mais ou menos elas estão com duas léguas de distância [doze, quatorze quilômetros de distância]. Aí a partir da hora que começa esfriar o sol elas começam a voltar de lá pra cá. Quando chegar à tardinha, umas cinco horas e meia, você as vê começarem a chegar ao pátio. Aí você diz: é a cabra que eu vi lá no alto do serrote... É muito engraçado o bode. Só a gente aqui da região que sabe disso. É por isso que o bode não dá muito certo nesse sistema intensivo, a não ser o de raça mesmo, criado dessa forma.

Por outras palavras, não é a situação geral da região, o “desenvolvimento precário” da economia rural, o “atraso”, enfim, do *matuto* que impõem o modo de criação. O modo de criação não é acidental, nem circunstancial, nem contingente. Ele é necessário, no sentido de que não poderia ser de outra forma. Porque ele é indissociável da *natureza* da criação, ele é adequado aos costumes, *vontades* e hábitos das cabras.

Laboro e Entrestimento

Vimos que a lida diária com a criação é chamada pelos criadores de *laboro*. Soltar os animais todos os dias pela manhã, “chamá-los”¹⁰ de volta ao fim da tarde para guardá-los no chiqueiro, jogar milho, por sal nos cochos, tirar o leite pela manhã, *enchiqueirar*¹¹, são procedimentos que caracterizam o *laboro*.

¹⁰Todo o fim de tarde a criação começa sozinha a voltar para seus respectivos chiqueiros. Os criadores, entretanto, gritam para chamá-las, para alertá-las da volta. Esse grito é muito semelhante aos aboios de outrora. O aboio, por sua vez, diferente do grito que é executado hoje em dia, era como uma música, uma melodia cantada na língua dos animais: “O canto dos vaqueiros, paziguando o rebanho levado para as pastagens ou para o curral, é de efeito maravilhoso mas sabidamente popular em todas as regiões de pastorícia. Antonil, que escrevia em princípios do século XVIII, informou no Brasil baiano e pernambucano a presença do aboio: - ‘Guiam-se as boiadas indo uns tangedores diante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado’. José de Alencar evocava-o: - ‘O aboio dos nossos vaqueiros, ária tocante e maviosa com que eles ao pôr do sol tangem o gado para o curral, são os nossos *ranz* sertanejos... Quem tirasse por solfa esses improvisos musicais, soltos à brisa vespertina, houvera composto o mais sublime dos hinos à saudade.” (CASCUDO, 1955, p. 25).

¹¹*Enchiqueirar* não é apenas guardar os animais dentro do chiqueiro. *Enchiqueirar* é separar os animais por motivo determinado dentro do chiqueiro. O que pode observar é que, geralmente, a criação pode ser dividida em dois grupos. Na casa em que morei, por exemplo, era necessário separar as cabras que estavam amamentando de seus cabritos para que houvesse leite para ser tirado durante a manhã. Desse modo, de um lado ficavam as cabras que não amamentavam, os cabritos e alguns bodes; do outro lado, cabras com leite e o restante dos bodes.

Laboro é um conjunto de atividades distintas visando uma finalidade comum. A lida diária com a *criação* permite ao criador estabelecer laços com os animais, permite reconhecê-los por sua *qualidade* – que são suas características físicas diferenciais, como suas cores, suas formas, o desenho de suas manchas no pelo e o formato de sua *ponta*, como são chamados os cornos dos caprinos. Extrapolando as características físicas, o criador também reconhece as manias e o jeito de cada cabra ou bode. Alguns deles ainda podem identificar a mistura das raças de um animal analisando o formato de suas *pontas*, assim como podem determinar sua idade pelas “*rugos*” que ela apresentar. O *laboro* é o que responde pela exigência do cuidado de cada uma das *criações* segundo suas inclinações e volições. Assim, nessa relação é apreendida a *natureza* da cabra, se ela é desamorosa ou amorosa, mansa ou *braba*¹². É dessa maneira que a *criação* é reconhecida, uma a uma.

Ademais todas as características descritas até aqui, o *laboro* só faz plenamente sentido (na teoria e na prática) se considerado em relação à noção de *entrestimento*. Ambas as categorias dizem respeito às relações com a *criação*. Contudo, se o *entrestimento* pode se referir a qualquer atividade realizada com o intuito de diversão, relaxamento ou entretenimento (como remete a própria palavra), o *laboro*, que não pode ser pensado sem ele, pode remeter a uma noção de trabalho. Noções que suscitam significados semânticos opostos, mas que são os dois lados da mesma moeda da criação *na solta*.

***Laboro* e trabalho**

Uma concepção de trabalho pode ser definida genericamente como “atividade do produzir e coisa produzida, e também a relação produtiva do sujeito e do objeto enquanto medeia fadiga ou pena” (BATTAGLIA, 1958, p. 19). O *laboro* pode aludir a uma noção de trabalho por sua terminologia, por ser atividade exercida pelo criador, por seu produto ser complemento da renda familiar e devido ao caráter de subsistência próprio a essa criação de animais. Contudo, mais que um trabalho (ou menos) o *laboro* é entendido pelos criadores também como um *entrestimento*, como um momento de lazer do criador. Desse modo, não se pode entender o *laboro* apenas como trabalho no sentido de atividade produtiva fatigosa, mas, talvez, como algo semelhante ao que era considerado como um ofício para os gregos antigos, algo que remete a uma arte, a um conhecimento específico (VERNANT, 1989, p. 16).

¹²Cascudo (1955) também trata da “natureza” da cabra: “as cabras eram agradadas e suspeitas. As crianças eram aleitadas com a cabra por ter leite mais grosso e forte. O risco era ficar com o temperamento buliçoso e travesso da cabra madrinha. Dizem que se torna invisível durante uma hora por dia e neste tempinho visita o Inferno. Pelo sim pelo não, o sertanejo considera-a privilegiada em resistir às secas, encontrar alimentos onde não há e viver de ubre cheio. Ou quase cheio. A cabra que deu leite a uma criança passa a ser comadre do homem da casa. Henry Koster já registrara o fato em 1810, na sua travessia do Recife a Fortaleza, a cavalo, pelo sertão... *that she-goats are frequently called 'comadres'*.”(p. XIII).

A distinção entre os termos “labor” e trabalho¹³ foi extensamente elaborada por Arendt (2005) que também assinala a falta do desenvolvimento de teorias “na tradição pré-moderna do pensamento político ou no vasto corpo das modernas teorias do trabalho” (ARENDR, 2005: 90) concernentes a essa diferença em contraposição a sua evidente existência etimológica:

todas as línguas europeias, antigas e modernas, possuem duas palavras de etimologia diferente para designar o que para nós, hoje, é a mesma atividade, e conservam ambas a despeito do fato de serem repetidamente usadas como sinônimas. [...] Assim, a língua grega diferencia entre *ponein* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, que tem a mesma raiz etimológica; o francês, entre *travailler* e *ouwerker*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos estes casos, só os equivalentes de <<labor>> tem conotação de dor e atribulação. O alemão *Arbeit* aplicava-se originalmente ao trabalho do artífice, que era chamado *Werk*. O francês *travailler* substituiu a outra palavra mais antiga, *labourer*, e vem de *tripalium*, que era uma espécie de tortura. (ARENDR, 2005, p. 90).

Para Vernant, que busca compreender o trabalho na Grécia antiga considerando-o inicialmente como “um grande tipo de comportamento” (VERNANT, 1989, p. 9) e que, para isso, retoma entre outros Hesíodo e Xenofonte, afirma que não há um termo em grego para a palavra trabalho¹⁴. O *laboro*, para pensar com Vernant, pode fazer alusão ao ofício da maneira como era entendido pelos gregos antigos –“um saber especializado, aprendizagem, processos secretos de êxito”. Entretanto, o *laboro*, diversamente ao ofício, também pode ser aproximado do trabalho do agricultor, que é aprendido pela reflexão e pela observação. Segundo Vernant:

a descrição de Xenofonte da sementeira, da monda, da ceifa, de debulha, da joeira, da cultura de árvores frutíferas destina-se inteiramente a mostrar-nos nessas operações, não artificios humanos, mas ‘a natureza’. A viticultura, por exemplo, de onde nos vem, senão da vinha? É a própria vinha que, subindo pelas árvores, ensina-nos a dar-lhe um apoio; desdobrando sua parra quando seus grãos ainda são novos, a colocar na sombra partes expostas; ao perder suas folhas, a arrancá-las para fazer com que seu fruto amadureça ao sol que se tornou ameno (VERNANT, 1989, p. 16-17).

¹³Battaglia (1958, p. 18), em *Filosofia do Trabalho*, também enfatiza as distinções entre os termos trabalho e labor: “Basta pensar no grego *πόνος*, que significa, em primeiro lugar, fadiga, portanto, trabalho, e, por translato, obra fatigosa, coisa conseguida com o trabalho que é fadiga, onde, como tantas vezes se apontou, o aspecto dominante e primário é isso que nós dizemos ‘travaglio’ (trabalho). Observam os etimologistas que a raiz do grego *πόνος* é a mesma do latim *poena*. E analogamente é preciso dizer do latim *labor* e do francês *travail* do verbo *travailler*, procedente do baixo-latim *tripaliare*, ‘torturar com o *tripalium*’ e, portanto, ‘fatigar, trabalhar’. Assim também *besogne* (cf. it. *bisogna* [tarefa]) é isso que é preciso fazer enquanto é dever fazê-lo, mesmo que não o façamos com gosto, é trabalho devido executado sem agrado. Também o alemão *Arbeit*, os ingleses *labour* e *work* apresentam a mesma problemática, o que nos leva a concluir que não é o termo que ilumina o conceito, mas é o conceito ou são os conceitos que dão sentido ao termo. [...] Acrescentamos que essa ideia do trabalho ser fadiga está unida àquela do cultivo dos campos. Não só porque o trabalho nos campos é primordial e eterno na vida, que visa à sua subsistência, mas porque se constata que a terra só produz quando submetida a um trabalho duro.”

¹⁴Vernant (1989, p. 11) afirma que não existe em grego uma palavra que defina trabalho (substantivo), *ponos* (*πνοος*) pode ser empregado para qualquer atividade penosa, não necessariamente se refere a trabalho: “esses fatos de vocabulário fazem-nos suspeitar de diferenças de plano, de aspectos múltiplos e até de oposições entre atividades que, a nossos olhos, constituem o conjunto unificado de condutas de trabalho. É claro que a ausência de um termo simultaneamente específico e geral não basta para demonstrar a ausência de uma noção verdadeira do trabalho. No entanto, sublinha a existência de um problema que justifica a pesquisa psicológica que empreendemos.”

Interessante pensar que na criação *na solta* tanto interessa observar a caatinga e os animais, quais são seus movimentos e ações naquilo que chamamos de “natureza”, quanto a produção de um saber especializado que somente os criadores são capazes de pôr em prática. O criador ao observar o comportamento da *criação* e sua interação com a caatinga desenvolve técnicas para se criar melhor, aperfeiçoa o que chamam de *saber criar*. Diferente do modo como Xenofonte, segundo Vernant, pensa o trabalho na agricultura (algo oposto ao ofício e às artes), a criação de bodes associa o trabalho, uma atividade produtiva da qual derivam produtos e fonte de subsistência, a uma esfera que pode ser pensada como um ofício, uma arte de criar. É a partir da conjunção entre trabalho e arte que penso o *laboro* e o *entrestimento*, categorias nativas que inicialmente usei para pensar o trabalho produtivo da criação extensiva de caprinos. A ambiguidade essencial da noção de *laboro*, quando considero a etimologia dos termos labor e trabalho, funciona a partir da associação com a noção de *entrestimento*. O *entrestimento* no *laboro* não é decorrente de uma modificação na própria atividade que resultaria em algo gratificante ao criador, o *entrestimento* é constituinte do *laboro* e este não pode ser pensado sem essa parcela de alegria e satisfação.

Outro ponto sublinhado por Vernant que pode aproximar o *laboro* do trabalho do agricultor na Grécia antiga é o cuidado despendido na atividade:

de onde se originará então o fato de todos os homens não terem êxito igual na agricultura? Não é uma questão de ‘conhecimento ou ignorância’, de ‘descoberta de algum processo engenhoso de trabalho na terra’, mas como, nas coisas de guerra, de um problema de esforço, de vigilância: επιμελεια. Ao excluir qualquer espécie de técnica, o trabalho agrícola vale o que o homem vale (VERNANT, 1989, p. 17).

Com efeito, se na Grécia antiga o trabalho agrícola prescindia da técnica e era vinculado à religião, o trabalho exercido com a *criação* requer doses de conhecimento a respeito dos procedimentos mais adequados na lida com os caprinos, ao mesmo tempo em que não exclui (muito pelo contrário) o mesmo esforço, vigilância e cuidado que na agricultura grega. Não obstante essa analogia, não é minha intenção simplesmente transpor uma categoria do pensamento grego para meu contexto de pesquisa. Meu intuito é que essa aproximação possibilite refletir sobre a noção de *laboro*. Portanto, diferente do ofício grego e de todas as outras definições de trabalho, o *laboro* tem a dimensão do *entrestimento*, quer dizer, do seu completo oposto para defini-lo. *Entrestimento* é aquela atividade realizada com o intuito de diversão, relaxamento, algo de entretenimento, como a própria palavra remete. É por esse motivo, por *laboro* não ser trabalho, por ele ser constituído também por *entrestimento*, que a criação *na solta* não remete necessariamente a um modo de produção. O modo de produção extensivo na pecuária pode fazer do trabalho, *tripalium*, sua necessidade, produção de mercadoria, de relações mercadológicas.

Considerações finais: o *laboro* da *criação*

A partir da comparação analítica entre uma concepção de “modo de produção” e de um “modo de criação” este artigo pretendeu evidenciar diferentes maneiras de relacionamento entre humanos e animais. Se por um lado, certas relações que tem como foco um modelo produtivo buscam produzir um animal que tenha um alto valor agregado e que proporcione aos criadores uma margem elevada de lucro com a sua comercialização; por outro lado, é possível observar um nexo entre humanos, caatinga e *criação* que permite refletir sobre um criatório específico e as relações que são produzidas por meio dele. Independente da finalidade de cada um dos criatórios, nota-se que as práticas e atividades em cada um deles fazem emergir diferentes cabras e bodes, alguns ligados ao que se pode entender como trabalho, outros ao *laboro*.

Mas, se por uma mudança analítica de perspectiva se perguntasse: e qual é o trabalho das cabras e bodes sertanejos naquela região?

Alguns animais, geralmente o gabo bovino, equino ou muares, são comumente chamados de “animais de trabalho”, seja na tração de carros de bois, de arados, de carroças, moinhos, etc. Associados ao trabalho humano, servem como “força de trabalho” na execução de alguma atividade. Nesses casos, os animais podem ser admirados e elogiados por sua disciplina, força ou obediência (PEREIRA, 2015, p. 67).

Na criação *na solta*, machos e fêmeas certamente atenderiam a diferentes necessidades como, por exemplo, servir de alimento no caso dos bodes ou dar leite, no caso das cabras. Mas, de um modo geral, eu sugeriria que o “trabalho” da *criação na solta* poderia ser pensado, assim como o é para os criadores, como *laboro*.

Articulado e praticado por animais e humanos, o *laboro* é constituído por certas práticas e procedimentos que colocam humanos e animais, mesmo que momentaneamente, num mesmo eixo de relações recíprocas. Para que o *laboro* seja eficiente, cabras e bodes e seus criadores e criadoras precisam estabelecer uma colaboração minimamente equitativa. Um exemplo. Se é da *natureza* da *criação* andar léguas e léguas soltas pela caatinga, esse costume (dos animais) atende, ao mesmo tempo, a uma necessidade de pasto que os criadores, naquela região, nem sempre teriam condições de suprir em suas propriedades em tempos de seca. A criação *na solta* articulária, portanto, tanto as necessidades da *criação* quanto as dos criadores por meio do *laboro*. Desse modo, perceber o *laboro* das cabras e bodes sertanejos e seus criadores é apontar para relações entre humanos e animais por meio do nexo que constroem entre si, mutuamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1975 [1899].

_____. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1976.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins. **Um Sertanejo e o Sertão. Moxotó Brabo. Três Ribeiras; reminiscências e episódios do cotidiano de Pernambuco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. *R@U* 5 (1),p. 7-28, 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil: texto confrontado com o da edição de 1711**. Belo Horizonte: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1982.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BARROSO, Gustavo. **Terra de Sol (natureza e costumes do Norte)**. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, [1912]1962.

BATTAGLIA, Felice. **Filosofia do trabalho**. São Paulo: Edição Saraiva, 1958.

CASCUDO, Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Rio de Janeiro: Serviço de informação agrícola, 1955.

_____. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

CASTRO, Aristóbulo de. **A cabra**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.

FIJN, N. **Living with herds. Human-Animal coexistence in Mongolia**. New York: Cambridge University Press, 2011.

GUIMARÃES FILHO, Clóvis. **Manejo básico de ovinos e caprinos: guia do educador**/Clóvis Guimarães Filho; Josvaldo Rodrigues Ataíde Junior – Brasília: SEBRAE, 2009.

HUMPHREY, Caroline. "Horse brands of the Mongolians: a system of signs in a nomadic culture" in **American Anthropologist**. Vol.1, Issue 3, Pages 471-488, 1974.

LEAL, Natacha. **Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, 2014.

_____. O Zebu Indiano No Brasil Central: O Pedigree E A Consolidação De Um Mercado De Elite. **Revista Florestan Fernandes**, v. v.4, p. 60-72, 2016a.

_____. Dos zebus e seus clones: valor e pedigree em um mercado de elite. In **Rev. Antropol.** São Paulo, Online, 59(2): 07-31, 2016b.

LUCCOCK, J. (1820). **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes Meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos neste país, de 1808 a 1818**. São Paulo: Martins Fontes, 1942. p 27-424. (Biblioteca Histórica Brasileira).

MACHADO, T.M.M. **Origem dos animais de fazenda brasileiros no período colonial**. In: Congresso Panamericano De Ciências Veterinárias, 15. Abstracts... Panamerican Association of Veterinary Sciences. Campo Grande, 1996a.

_____. **Número e tipos de caprinos introduzidos no Brasil até 1995.** In: Congresso Panamericano De Ciências Veterinárias, 15. Abstracts... Panamerican Association of Veterinary Sciences. CampoGrande, 1996b.

_____. História das raças caprinas no Brasil. In: Fonseca, J. et al. (ed.) **Produção de caprinos e ovinos de leite.** Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite; Sobral: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2011a.

_____. **As rotas marítimas do Brasil colônia, os suprimentos e as mercadorias a bordo.** In Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011b.

_____. **Os pequenos ruminantes na história da pecuária brasileira.** In Anais do X Workshop Sobre Produção de Caprinos na Região da Mata Atlântica, 2013.

MEDEIROS, Luiz Pinto et al. **Caprinos – o produtor pergunta a Embrapa responde.** Brasília: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia; Teresina: Embrapa Meio-Norte; Sobral: Embrapa Caprinos, 2000.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura no sertão da Bahia, 1880-1900.** Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

OLIVEIRA, R.V. **Manual de criação de caprinos e ovinos /** coordenação de Paulo Sandoval Jr.; elaboração de texto de Rodrigo Vidal Oliveira... [et al.]; revisão técnica de Izabel Maria de Araújo Aragão, Rosângela Soares Matos e Willibaldo Brás Sallum. – Brasília: Codevasf, 2011.

PEREIRA, Luzimar. O Movimento Dos Bichos. Notas etnográficas sobre animais, seres humanos e espaços em Urucuia, MG. In **Ruris**, nº. 9, vol. 1, 2015.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, Pedro da Silva. **De abandono, proteção e outras formas de relação com animais: motivações, interações e diferenças no Rio de Janeiro e no sertão nordestino.** Tese de Doutorado em Antropologia – Universidade Federal Fluminense, 2014.

SAUTCHUK, Carlos. “Ciência e técnica”. In: Duarte, L. F. D. (org.) **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia. São Paulo; ANPOCS, 2010.**

VANDER VELDEN, Felipe. “Apresentação do dossiê (Animalidades Plurais)”. **R@U Revista de Antropologia da UFSCar**, 7(1): 7-16, 2015.

VASQUES, Ariane. **As veredas do bode. Criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco.** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Carlos, SP, 2016.

VERNANT, Jean-Pierre. **Trabalho e escravidão na Grécia antiga.** / Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet; tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1989.

AUTORA

Ariane Vasques

Universidade Federal de São Carlos

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

E-mail: ariane.zambrini@gmail.com